

## “É preciso diminuir a velocidade da informação”

### Entrevista com Dominique Wolton

---

Carlos Alberto Zanotti<sup>1</sup>

André Camarão Telles Ribeiro<sup>2</sup>

*Uma das principais obras, dentre os 16 livros que este cientista político francês já escreveu sobre mídia e comunicação, tem um capítulo dedicado à Rede Globo de Televisão, no qual o autor transita na contramão de boa parte da intelectualidade brasileira. Em Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão (Ática, 1990), Dominique Wolton apresenta a coadjuvante midiática do regime militar como “um dos símbolos da identidade brasileira” (p. 159), estranhando que uma organização privada tenha atuado tão positivamente na construção de um estratégico “laço social” no país – papel que, na Europa, os governos geralmente atribuem às emissoras públicas.*

*Diretor do laboratório de “Informação, Comunicação e Objetivos Científicos”, do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNPC) da França, e fundador da revista internacional “Hermès”, Wolton deixou de focar a televisão nos últimos tempos para dirigir seu olhar à rede mundial de computadores, onde continua transitando em sentido contrário ao fluxo de uma considerável parcela do meio acadêmico. Sob o título provocador de Internet, e depois? – uma teoria crítica das novas mídias (Editora Sulina, 2007), o estudioso passou a investir contra as novas tecnologias de comunicação. Para o pesquisador, o entusiasmo com o desempenho da tecnologia tem nos levado a esquecer os objetivos, e... “Restam*

<sup>1</sup> Jornalista, professor e pesquisador da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É líder do grupo de pesquisa “Sociedade Midiatizada: processos, tecnologia e linguagem” e presidente do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas e membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

<sup>2</sup> Jornalista e professor da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas; diretor de jornalismo da TVB-Record Campinas.

somente as performances técnicas que se supõe, por uma espécie de capilaridade misteriosa, que serão a fonte de inspiração de uma nova sociedade” (p. 150).

É pensando na emancipação do sujeito e da sociedade que Wolton articulou seu mais recente trabalho, *Informar não é comunicar* (Editora Sulina, 2010), no qual chama a atenção para a velocidade excessiva, a falta de regulamentação e o descontrole que caracterizariam a existência da internet. “É preciso impedir que a informação e a comunicação, até ontem fatores de aproximação, tornem-se aceleradores de incompreensão e de ódio justamente por serem [tornarem] visíveis todas as diferenças e toda alteridade” (p. 14), adverte.

Nesta entrevista, o pensador francês procura demarcar os territórios explorados no binômio que compõe o título da obra. *Computador e internet – segundo Wolton – estariam oferecendo as bases de um território no qual prospera o que o autor chama de solidão interativa: “Você é um formidável internauta com o mundo todo, mas incapaz de ter uma relação com seus filhos, amigos, pais ou colegas na empresa em que trabalha”. Ele ainda aconselha que, em nome da comunicação, se coloque o pé no freio da velocidade com que a informação tem transitado no mundo para que haja um tempo para a compreensão. Wolton esteve em Campinas (SP) em 25 de outubro de 2010, onde gravou um programa para a série *Café Filosófico*, realizado através da parceria CPFL/TV Cultura, participou do telejornal *TVB-Notícias* e nos concedeu a entrevista que se segue:*

**REVISTA CMC. Poderíamos começar, então, pelo tema de sua palestra: Por que comunicação não é equivalente a informação?**

**Dominique Wolton.** Durante muito tempo não havia muita informação e nem muita comunicação, e por este motivo informar era o mesmo que comunicar. Nos séculos XIX e XX, houve um enorme progresso tecnológico. Em menos de 60 anos, com o telefone, o rádio, a impressão, a televisão, o computador e a internet, nós passamos a produzir bastante informação e, de maneira muito rápida, a fazer com que ela se espalhasse pelo mundo todo. E a questão que agora vem a ser a mais importante já não é a informação, mas sim a condição com que a população, os povos e os indivíduos vão aceitar ou rejeitar a informação que recebem. Na comunicação, o mais simples é a mensagem; e o mais complicado

é relação entre o emissor e o receptor. É por isso que o termo comunicação muda de sentido, pois durante séculos comunicar significava compartilhar; mas depois do progresso tecnológico, comunicar passou a significar cada vez mais transmitir de um ponto a outro, de maneira constantemente hierarquizada. Atualmente, com o excesso de informação, a comunicação se torna, na maior parte do tempo, uma negociação. E essa negociação precisará de um tempo para ser transformada em comunicação dada à velocidade que a informação passou a alcançar. É esta a razão pela qual a informação se separou da comunicação, obrigando, então, ao que é inevitável: uma reflexão muito maior da condição prática da comunicação. Atualmente há um volume tão grande de informação no mundo que ela já não chega a fazer a comunicação, porque entre a produção da mensagem e a comunicação tem o receptor, e ele vai se tornar cada vez mais refratário, crítico. A revolução do século XXI, então, será em torno da questão que envolve a negociação para que as pessoas possam se entender com relação à produção de mensagem.

**REVISTA CMC.** Mesmo que os avanços tecnológicos encontrem uma solução para que os meios de comunicação permitam uma interação efetiva, não podemos considerar isso como um diálogo, ou seja, como comunicação?

**DW.** O que a Internet permite é que haja muita interação, e de forma muito rápida. É claro que pode haver um pouco de comunicação numa interação, mas enquanto a informação está sendo transmitida com grande velocidade, os homens, os povos e a cultura caminham de forma extremamente lenta. Pode existir até mesmo compreensão entre um brasileiro e um francês. Eles podem trocar e-mails, e isso ocorre de maneira bem veloz, mas eles não têm a mesma língua, a mesma cultura, as mesmas histórias e as mesmas representações. Então, se quisermos estabelecer uma comunicação efetiva, será necessário um diálogo mais demorado e mais aprofundado para que haja uma maior compreensão. Em cada extremo da Internet não estão apenas computadores, e sim homens com suas próprias línguas, culturas e filosofias. É por isso que existe um

conflito entre a velocidade da informação e a velocidade da comunicação. Se quisermos que este volume de informação se transforme em comunicação, será necessário reduzir o ritmo da informação e compreender que a velocidade dela é completamente diferente da velocidade da comunicação. Caso contrário, corre-se o risco de que, no mundo todo, mais e mais informação circule em todas as direções sem que as pessoas venham a compreendê-la. E seria uma contradição política considerável se houvesse esta enorme quantidade de informação no mundo e, cada vez menos, a compreensão. Então, se quisermos que haja informação com comunicação será preciso refletir sobre a relação complicada entre o emissor e o receptor, compreendendo que a comunicação vem se tornando cada vez mais uma negociação do ponto de vista das diferenças. Por isso, a comunicação é uma vontade política, é o reconhecimento da liberdade do outro, da igualdade do outro; e é aceitar o tempo que for necessário para que haja o acordo. Portanto, a comunicação é uma vitória política, não será jamais uma vitória tecnológica. A produção da informação, esta sim, é uma vitória da tecnologia. Mas, a compreensão entre os homens e os povos será fruto de uma vontade política. Um exemplo disto é que, atualmente, no mundo, nós temos inúmeras emissoras de rádio, televisões e computadores, mas os homens continuam fazendo guerras exatamente como antes. Portanto, não é a tecnologia, com sua produção abundante de informação, que será capaz de evitar os conflitos, mas sim a vontade política dos homens para se comunicar.

**REVISTA CMC.** Nos países de regime político mais fechado, por exemplo, a Internet não estaria permitindo que a população receba informações, que levam a reflexões, e fomente a formação de novas ideias?

**DW.** A luta contra a ditadura não existe somente neste período pós-Internet; sempre houve outras maneiras de lutar. Em todas as histórias de enfrentamento de ditaduras, foram usadas as tecnologias até então disponíveis, como a imprensa escrita, o rádio e a televisão. O que torna importante a Internet, na conquista da liberdade em ditaduras, é a possi-

bilidade de contornar os sistemas políticos e conseguir que existam mais maneiras de expressar a liberdade. Mas o poder numa ditadura pode bloquear a rede mundial de computadores, por meio da intranet; e nesse momento os internautas poderão ter problemas políticos. Outro fato é que a Internet não é suficiente para propiciar a liberdade de expressão da imprensa. São necessários os militantes, os políticos, o rádio, o celular, a televisão e a Internet. Não será a rede mundial de computadores sozinha que vai produzir a democracia no mundo. É apenas uma tecnologia a mais, numa longa trajetória, para se conquistar a emancipação.

**REVISTA CMC.** Em sua obra e em seus pronunciamentos, o Sr. parece considerar que a existência de conflitos armados, de injustiças sociais e de miséria econômica seriam evidências de um certo fracasso da comunicação. A política e a diplomacia, embora consideradas em sua análise, parecem estar em segundo plano. Que papel teria a Comunicação no mundo contemporâneo?

**DW.** O mundo físico – o planeta – se tornou uma pequena aldeia pela similaridade dos indivíduos: são cinco bilhões de aparelhos de rádio, cinco bilhões e meio de aparelhos de TV, três bilhões de celulares e quase dois bilhões de computadores. Portanto, de qualquer parte do mundo, nós podemos enviar uma mensagem por um simples e-mail, o que estimula a produção e uso da tecnologia, mas então vem a questão do controle econômico, pois se existem grandes indústrias culturais e de comunicação; e elas tendem a se unir. Por isso, será preciso uma batalha política pela liberdade de informação no mundo. Como os homens no planeta não têm a mesma língua, a mesma cultura, nem o mesmo clima, por exemplo, será necessário aprender que a velocidade da produção da informação e da difusão não são compatíveis com a comunicação. Se quisermos que a comunicação fique na dimensão da emancipação do homem, é preciso pensar a comunicação como uma relação, como uma negociação, e não como uma transmissão. Porque se você transmite mensagens, pode ser que as pessoas aceitem ou não, mas não haverá comunicação. É por isso que digo que a tecnologia é uma condição necessária para a comunicação,

mas não o suficiente. Você pode passar horas e horas na internet, mas ser incapaz de estabelecer uma relação com o seu vizinho de bairro. É o que chamo de solidão interativa: Você é um formidável internauta com o mundo todo, mas incapaz de ter uma relação com seus filhos, amigos, pais ou colegas na empresa em que trabalha. A comunicação humana é algo bem mais complicado do que a comunicação tecnológica. É horrível acreditar que nós nos enganamos ao pensar que quanto mais comunicação tecnológica, mais comunicação humana existiria. Num determinado momento elas se separam; e essa é a questão da comunicação que me interessa, pois é mais complicado conversar, compreender e tolerar um ao outro, do que enviar e-mails. A comunicação humana é algo muito mais importante que o desenvolvimento tecnológico. Numa grande empresa, por exemplo, uma pessoa passa no corredor enquanto as demais estão em frente à tela de seus computadores, e ninguém fala com essa pessoa que passa no corredor... Isso quer dizer que a tela do computador torna-se mais importante do que a relação humana. Vivemos em nossa própria ilha sem conhecer nosso vizinho. Tem algo que não está certo.

**REVISTA CMC.** No Brasil, áreas de ensino do jornalismo, relações públicas e publicidade estão abrigadas sob um mesmo guarda-chuva nos cursos universitários, que é a área de Comunicação Social. Como o Sr. vê este agrupamento? Suas distintas finalidades não afastam grandemente essas atividades, tornando-as até antagônicas?

**DW.** A publicidade, a comunicação social e o jornalismo passaram a ter um ponto em comum depois do século XVIII. É a ideia de que o homem é livre para se informar e poder vender a informação e a comunicação. Isso é um problema. Atualmente, é preciso manter a diferença de natureza entre a publicidade, a comunicação social e a informação. Pode ser que tenham a mesma tecnologia, mas não é o mesmo trabalho. A publicidade tem por tarefa vender. Isso é comércio. É certo, porque nós aceitamos ou rejeitamos a publicidade. Nós não somos obrigados a comprar, o receptor não é forçosamente manipulado pela publicidade. A comunicação social é outro problema; é como numa empresa, num quarteirão, numa cidade,

numa região, num país: como é que a gente pode fazer para que pontos de vista contrários possam ser expressos livremente sem que se faça guerra ou conflito? Esse é um outro objetivo da comunicação. E o jornalismo é outra coisa; um jornalista deve fazer três coisas: produzir informação da maneira mais honesta possível; fazer perguntas para que possa compreender a complexidade do mundo; e ainda elaborar a crítica. Isto é possível considerando estes três diferentes ramos, com a condição de separar a informação jornalística da publicidade e da comunicação social.

**REVISTA CMC. Qual seria o papel do jornalismo nos dias de hoje?**

**DW.** Acredito que o jornalista obteve uma grande vitória tecnológica. Isso quer dizer que atualmente um jornalista, de qualquer parte do mundo, graças ao satélite, pode informar por meio de imagens e isso é sinônimo de um progresso enorme. Em qualquer lugar a gente sabe o que se passa no mundo; não existe um local onde isto não ocorra, mesmo que haja censura. Isso é o avanço tecnológico. E há também uma vitória política; a ideia de democracia progride e possibilita que a imprensa seja independente do poder político, mas é preciso também que a imprensa seja independente do poder econômico, o que é bem mais difícil, pois geralmente os grandes grupos de comunicação se tornaram grandes indústrias. Existem duas batalhas políticas para os jornalistas: uma, que é a de conservar um pouco de independência política; e outra, que é não tirar vantagem da liberdade econômica. Mas há um terceiro problema, que a gente vê muito bem com a informação dos canais internacionais como Fox, Deuschewelle ou France 4, que é o de não entender que a concepção da informação é mundial e universal. Ou seja, você não pode fazer uma informação da mesma maneira se estiver em Dubai, Paris, Nova York ou Shanghai, porque o jornalista não tem a mesma história, a mesma cultura; e porque os receptores que vão receber a mensagem não são semelhantes. Portanto, quanto mais houver a globalização da informação, mais vamos ter de tomar outras providências simultâneas, o que é difícil. Uma delas é conservar um certo ideal de informação universal, para todos, com uma definição de verdade, e ainda considerando-se o fato de que há uma diversidade cultural; e que

finalmente, quando o jornalista estiver na Ásia, África, América Latina ou na Europa, ele não tenha uma mesma visão do mundo. Portanto, ele vai ter de respeitar as diferenças culturais e, ao mesmo tempo, preservar a universalidade da informação. Essa é uma das maiores batalhas da imprensa do futuro, que é a de defender uma certa universalidade, mas prestar bastante atenção à diversidade cultural; caso contrário, há o risco de um efeito bumerangue. A gente vê isso muito bem com os jornalistas americanos, que cada vez mais estão sendo rejeitados no mundo todo, em razão de chegarem com uma visão completamente americanizada e colocarem isso na CNN. Os povos do mundo dizem que não deve ser assim, não querem essa informação; por isso, vai ter de haver uma negociação, dentro da comunicação, e mais modelos de informação precisarão existir. O mundo de amanhã será aquele em que teremos a coabitação de variadas formas de fazer informação, até mesmo com a obrigação de uma adesão à verdade.

**REVISTA CMC. O Sr. critica o modelo de comunicação financiada exclusivamente pela publicidade devido à sua submissão ao mercado. Qual seria um modelo adequado de financiamento? O que precisaria ser levado em consideração?**

**DW.** O ideal, mas isso não é feito na grande maioria dos países do mundo, é que haja uma concorrência entre uma emissora pública e outra, privada. Na América Latina quase não há emissoras públicas, portanto as privadas são a grande maioria. Aqui vocês têm emissoras privadas extremamente ruins, mas há também emissoras privadas que não são tão ruins. Por exemplo, a TV Globo, aqui no Brasil, é uma emissora interessante em razão de ser um empreendimento majoritariamente privado, mas que aceita ter um papel de responsabilidade social e cultural em razão de possuir uma enorme audiência. Portanto, a Globo, que é uma emissora privada, acaba tendo um determinado papel social, o que é importante ser ressaltado. Um segundo ponto a se pensar é a necessidade de se preservar a mídia generalista, as emissoras de rádios generalistas, o jornal impresso generalista e a televisão generalista, pois isso permite abranger diferentes classes sociais simultaneamente, e ajudá-las a pensar e a refletir. Um terceiro ponto é que



é preciso reservar um lugar importante para a imprensa escrita, porque a velocidade da informação emitida pela Internet ou pela televisão é bem diferente da reflexão permitida através da leitura do jornal. Quanto mais existir Internet ou emissoras de TV, mais será necessária a presença da imprensa escrita. Por isso, é importante que os jornalistas do jornal impresso não abandonem tudo e partam para a Internet. A rede mundial é uma ferramenta de contrapoder do povo em relação à imprensa, mas é preciso manter na sua complexidade o espaço da imprensa escrita.

**REVISTA CMC. O Sr. vê com reservas a adoção das novas tecnologias na área da comunicação, que teriam eliminado a distância entre o acontecimento e o fato. A que se deve essa resistência? Em sendo um processo irreversível, como evitar as consequências negativas?**

**DW.** Não basta plugar ao mesmo tempo seis bilhões e meio de pessoas para que elas se compreendam, caso contrário esse entendimento já teria ocorrido há cem anos. Porque há cem anos teve início o progresso da tecnologia dos meios de comunicação e não houve esse entendimento. A descoberta do século XXI é que não é porque se tem muita tecnologia que se compreende melhor. Isso quer dizer que a tecnologia e a informação vão para o caminho onde a falta de comunicação aumenta. Para que haja uma reaproximação entre a informação e a comunicação é preciso diminuir a velocidade da informação. É preciso achar o tempo de compreensão que cada um tem nas suas diferentes culturas, línguas e visões de mundo. Por exemplo, um sul-americano não vai ter a mesma maneira de pensar de um americano do norte ou de um africano. Se a gente não quiser que muita informação seja direcionada, é necessário fazer um enorme esforço para entender a cultura dos outros. E é isso o que me interessa na defasagem entre a velocidade da informação e as velocidades das emissoras de rádio e televisão, e da Internet. O fato de que na outra ponta da rede se encontram homens, que não compreendem muito bem uns aos outros, e nem têm muita vontade de entender, impõe a necessidade de um tempo maior; por isso há uma forte contradição em razão da informação caminhar muito rápido e a comunicação, de maneira bem

lenta. O mais importante para a paz ou para a guerra é a comunicação. Se os homens recebem mais e mais informações e não se compreendem, haverá a mundialização da informação que pode se tornar um fator de guerra. E isso é exatamente o contrário da finalidade da informação, que tem como princípio básico evitar guerras; a comunicação tem por princípio aproximar pontos de vistas, mas ela caminha numa velocidade e com a excelente performance que faz a gente acreditar que os homens acompanham essa velocidade, mas isso é falso porque a comunicação é uma relação e, por isso, precisa ser lenta. É possível verificar nas negociações internacionais que os homens de Estado viajam cada vez mais, mesmo tendo todas as informações do mundo sem sair de seus lugares. Por que eles se reúnem tanto assim? É porque eles precisam se olhar, se tocar, comer juntos, para saber se podem confiar uns nos outros. Argentina, Brasil, Estados Unidos, França, China têm a informação, mas os homens têm a necessidade de se ver, de se comunicar, saber se há confiança, o que exige tempo, enquanto a velocidade da informação é extremamente acelerada e o deslocamento entre os chefes de Estado no mundo é bastante lento. A mesma situação ocorre com as multinacionais. Quando acontecem grandes encontros entre grandes empresas do mundo, isso demanda tempo, protocolos e refeições, porque os homens não mudaram de mentalidade desde o início da humanidade e, antes de conceder a confiança a alguém, é preciso avaliar todos os ângulos. A Internet não é o meio através do qual se possa conceder a confiança, pois o que cria a confiança é o encontro entre os homens, é o verbo, é o tempo que se passa junto.

**REVISTA CMC. Existe uma maneira de compensar o avanço tecnológico dos meios de comunicação em detrimento de seu papel?**

**DW.** Esse processo é irreversível, mas o que podemos modificar é a política da Internet. Trata-se de um avanço tecnológico que garante mais informação para todos, o que é correto. Ela permite muito mais interação entre as pessoas, mas ela não tem nada a ver com a paz e o progresso. Se a gente quiser obter paz e progresso por meio da Internet, será preciso fazer leis, pois na Internet existe só a discussão, a informação, mas existem também

os crimes cibernéticos, tem a droga, o sexo, a especulação financeira... Se a gente quiser guardar uma boa dimensão para a Internet, é imprescindível criar leis, como se tem para a imprensa escrita, para as rádios e as televisões. Não se interrompe o progresso tecnológico, a solução será fazer com que ele ganhe outro sentido. É fato que o mundo de hoje está extremamente fascinado com o progresso tecnológico, o que pode nos levar à crença ingênua de que inúmeros equipamentos de computador, rádios e televisão serão suficientes para garantir a paz, mas não é verdade que esses recursos sejam capazes de assegurar a harmonia entre os homens.

**REVISTA CMC.** Agora, focando melhor na questão do jornalismo, como o Sr. avalia a aproximação que tem existido, ao menos no Brasil, entre os reality-shows e o jornalismo? Essa aproximação não retira da profissão um grau de seriedade indispensável aos estatutos do jornalismo?

**DW.** Eu creio que isso seja um perigo real para o jornalismo. Essa escolha do jornalista em abandonar sua profissão e se transferir para a Internet já é um primeiro perigo. É preciso que haja jornalismo na Internet, no rádio, na televisão e na imprensa escrita, como ocorria antes. O segundo perigo é que o jornalista venha a se transformar em um animador, porque isso não pertence à sua profissão. Quando o jornalista escolhe ser um animador, o espectador não vai mais sentir a confiança de que ele seja capaz de informar, criticar e buscar a verdade. Portanto, o jornalista que produz informação não poderia apresentar um *reallity-show*, porque essa banalização será o fim da legitimidade do jornalista, que em seguida estará sujeito a ser estrangulado pelo poder político e pelo poder econômico. É preciso que o jornalista se mantenha na produção da informação, já que ele não é um animador. No mundo inteiro existe a tentação de transformá-lo em *showman*, numa vedete, mas isso é ridículo. Nos próximos dez ou quinze anos, isso poderá ser formidável para uma geração de jornalistas, mas depois vai haver uma perda total de legitimidade. Portanto, o jornalista faz informação e não faz publicidade, não faz *reallity-show*, não faz relações públicas etc, etc... Se houver

a mistura de tudo, o resultado será que a população não vai mais dar crédito aos jornalistas.

**REVISTA CMC. Mas essa é uma maneira que as emissoras de TV encontraram para dar credibilidade aos reality-shows.**

**DW.** É claro! Isto é, se a emissora de TV diz “olhem para o meu *reallity-show* animado por um jornalista”, ela quer dizer que é um programa sério, mas isso não pode. Na televisão, o patrão pode decidir o que ele quiser, mas o jornalista sério deve ressaltar que não pode participar desse tipo de programa. Numa rádio, numa televisão e num jornal há, ao mesmo tempo, informação e entretenimento, mas não se pode misturar tudo. Só que essa é uma tendência que atualmente tem ocorrido em todo o mundo. E por todos os lugares, os jornalistas têm se tornado vedetes, com fotos espalhadas por toda a cidade. É preciso tomar muito cuidado.

**REVISTA CMC. O Brasil optou pela TV digital aberta, que promete interatividade e multiprogramação. Como o Sr. avalia essa opção?**

**DW.** No mundo inteiro é igual. O progresso tecnológico, com a televisão digital, permite obter cinquenta, sessenta, oitenta, cem canais. Todo mundo acha isso extraordinário, é o progresso. Mas não é essa a questão importante; a questão importante é quais vão ser esses programas se existem cem canais. A experiência que já se adquiriu, depois mais de cinquenta anos de instalação da televisão, é que há cinquenta anos existiam três ou quatro canais e atualmente tem uns vinte, trinta ou quarenta canais. E é uma pena que no mundo, na maior parte do tempo, o mesmo tipo de programa seja apresentado. Então não serve para nada ter duzentos canais se eles apresentam os mesmos programas. Então, para que o progresso tecnológico venha a melhorar a qualidade da televisão, vai ser necessária uma enorme indústria de programas, uma enorme capacidade de inventar e uma enorme liberdade de criar para poder multiplicar a qualidade da TV. Caso contrário, vão continuar existindo duzentos canais passando cento e cinquenta vezes a mesma coisa. E isso será a derrota da comunicação, da cultura e da democracia.